

O ambiente complexo de relacionamento e vida – Parte 2

Características e funcionamentos, sob a ótica tecnológica e existencial do homem, de nossa sociedade

Carlos Augusto Riscado Chaves

cariscado@gmail.com – (21) 2715-1563, (21) 9617-4951

Resumo: este artigo, em continuidade ao anterior (“O ambiente complexo de relacionamento e vida – Parte 1”) que apresentou as transformações ocorridas ao longo da evolução de nossa sociedade, visa caracterizar a dinâmica do funcionamento da rede de relacionamentos nela existente - possibilitada pelos desenvolvimentos tecnológicos - e mostrar que não basta o uso de toda uma “complexa máquina”, onde metodologias de trabalho com ótimas ferramentas estão presentes, para que haja o processo de gestão de inovações, se o homem não souber trabalhar, se relacionar e viver nesse contexto. Neste panorama, novas condições de relacionamentos deverão ser esquematizadas e desenvolvidas, pois as pessoas deverão aprender a trabalhar, conviver e construir ambientes cada vez mais propícios para que os ditos “bens intangíveis” se multipliquem.

1. A sociedade organizada em rede

“A nova economia consiste numa meta-rede global de interações tecnológicas e humanas complexas, que envolve múltiplos anéis e elos de realimentação que operam longe do equilíbrio e produzem uma variedade infinita de fenômenos emergentes. A criatividade, a adaptabilidade e a capacidade cognitiva dessa meta-rede lembram, sem dúvida, as de uma rede viva, mas a meta-rede não manifesta a estabilidade que é uma das propriedades fundamentais da vida. Os circuitos de informação da economia global funcionam numa tal rapidez, e recorrem a uma tal multiplicidade de fontes que estão constantemente a reagir a um dilúvio de informações; por isso, o sistema como um todo acaba escapando ao nosso controle.” (CAPRA, 2005).

Ao analisarmos uma economia com características basicamente industrial, produtora de bens concretos, constatamos que ela possui recursos tipicamente limitados (por exemplo: capital, instalações, máquinas, energia).

A nova economia – do conhecimento – conta com recursos bastante abrangentes e que podem ser quase ilimitados, pois dependem intensamente da capacidade humana de gerar conhecimentos, que é ampla, caso seja devidamente direcionada.

SVEIBY(1998) fala sobre o assunto (economia do conhecimento): *"O dever de um gerente é desenvolver os ativos da organização. Mas as dificuldades surgem quando os ativos mais valiosos de uma empresa não são objetivos materiais, como máquinas, imóveis e fábricas, de propriedade da empresa e que aparecem em seu balanço patrimonial, mas bens intangíveis e, portanto, invisíveis. ... A competência do funcionário envolve a capacidade de agir em diversas situações para criar tanto ativos tangíveis como intangíveis ... A maioria dos funcionários das empresas do conhecimento são profissionais altamente qualificados e com alto nível de escolaridade – isto é, são trabalhadores do conhecimento. Seu trabalho consiste, em grande parte, em converter informação em conhecimento, na maioria das vezes utilizando suas próprias competências, às vezes com o auxílio de fornecedores de informações ou de conhecimento especializado."*

Volto a citar EDVINSSON, MALONE (1998), no que diz respeito as suas observações sobre a necessidade de se estabelecer um "novo balanço" para as empresas onde o conhecimento é matéria corrente de trabalho, observações estas que considero válidas registrar neste texto, pois alertam para a importância do Capital Intelectual ao se consolidar o valor das empresas, a saber: *"Sempre existiram lacunas ocasionais e temporárias entre a percepção do mercado e a realidade contábil. E isso, por sua vez, sugere que não estamos examinando uma aberração temporária, mas uma falha sistêmica na maneira de medimos o valor. Trata-se de uma discrepância fundamental entre a história contada nos balanços patrimoniais das corporações e o desempenho real que ocorre diariamente nas próprias organizações ... Tem-se tornado óbvio que o valor real dessas corporações não pode ser determinado somente por métodos contábeis tradicionais. O valor de uma Intel ou de uma Microsoft não reside nos tijolos e na argamassa ou mesmo nos estoques, mas em outro tipo intangível de ativo: O Capital Intelectual... O núcleo da chamada economia do conhecimento é constituído por enormes fluxos de investimento em capital humano bem como em informática... E, de maneira impressionante, nem o capital intelectual nem o capital humano é considerado como valor positivo na contabilidade tradicional. Ocorre, com frequência, exatamente o contrário. Esses investimentos, porém, são os instrumentos fundamentais para a nova criação de valor."*

Os profissionais que trabalham com a formação de conhecimentos, produzindo inovações, precisam desenvolver relacionamentos de confiança e complementaridade (o conhecimento, por ser um bem intangível, ao ser transferido não se perde, não se divide, mas pode se multiplicar, quando devidamente trabalhado) com aqueles outros

que atuam com semelhantes objetivos, ao longo do desenvolvimento do seu processo de trabalho (inovação-produção-serviço), sendo que o conhecimento é o grande agente e componente que une estes relacionamentos.

Assim, na contínua busca pela melhoria de produtividade, movimento impresso pela sociedade ocidental, se faz necessário criar e desenvolver um ambiente estimulante onde se viva e trabalhe com liberdade, de modo que as ideias possam ser geradas e fluam mais efetivamente, onde haja facilidade para a difusão e o acesso às fontes de conhecimentos. Como elas (ideias) dependem das pessoas, donas e geradoras desta matéria básica, que é o conhecimento, um forte direcionamento está acontecendo em nossa sociedade visando o desenvolvimento do indivíduo, de modo que este venha a se formar com valores éticos e comportamentais diferentes daqueles prevalentes na típica sociedade produtora de bens tangíveis, e passe a utilizar mais, neste novo cenário, a sua capacidade de cooperar e compartilhar para somar e edificar, menos do que competir para dividir e aniquilar.

Novas modalidades de relacionamentos deverão ser esquematizadas. Para tal, estes indivíduos deverão entender que ao “pensar” e “sentir” as suas relações, sejam elas externas - com os ambientes que os cercam -, ou internas - consigo mesmo -, poderão traçar e viver o seu processo de transformação, objetivando a sua existência e a dos demais. Isto acontecendo, uma série de conflitos certamente serão diminuídos, ao longo da realização de suas atividades envolvendo os processos de criação, sejam tais conflitos internos ao próprio indivíduo (“desordens” psicológicas, como falta de vontade, sentimentos de inutilidade e vazio, busca pela felicidade, entre outros), ou com os outros seres com quem se relaciona, ou ainda com os fatores ambientais e ecológicos que o circundam.

1.1. Algumas visões de redes sociais e o desenvolvimento de seus contextos segundo Pierre Lévy, Manuel Castells e Fritjof Capra

“Quando as pessoas veem um bando de pássaros, supõem que o pássaro da frente é o líder e os outros estão apenas seguindo. Mas não é assim que os pássaros formam o seu bando. Na verdade, cada pássaro segue regras simples, e eles acabam juntos como um grupo.” (JOHNSON, 2003).

Quando selecionei esta referência na qual JOHNSON (2003) faz menção ao mundo natural, em relação aos sistemas auto-organizados e emergentes, o meu propósito foi

chamar a atenção, ao observarmos a presença do trabalho em colaboração, onde o “estar na frente”, em um determinado momento, não significa ser o “mais importante, o dono” da equipe, pois todos devem estar à frente da sua atividade, no seu devido momento. Pretendi fazer analogia do bando de aves com o trabalho em time porque, para que uma rede voltada para o trabalho e intercâmbio de conhecimentos funcione construtivamente, ela deve operar pautada em ordem e disciplina, atuando com clareza e simplicidade. São condições a serem acordadas pelos componentes desta rede, indivíduos com vontade própria, criativos e pensantes, que são algumas das aptidões que devem possuir aqueles que desejam ser geradores de inovações.

Vários pensadores estudaram e publicaram trabalhos abordando a sociedade funcionando na modalidade em rede. Temos aqueles com direcionamento mais para o lado “filosófico”, os de opinião e análise mais para o imediato, os que propõem mudanças através das quais pretendem gerar um mundo melhor, e os mais “imaginativos”, que projetam o que poderá advir de modo mais “futurista e positivo”, ou seja, estudiosos que abordam o assunto sob os vários ângulos e com juízos diferentes de funcionamento e visão de futuro.

Ao escolher as obras dos autores visando apresentar trechos de seus estudos, procurei selecionar aqueles que se complementassem ao abordar o assunto redes sociais, ou seja, autores que observaram e analisaram o tema sob os diversos ângulos e com exposições um pouco diferentes, mas que, não obstante, se integram. Com esta ideia, listo a seguir fragmentos retirados de trabalhos específicos, de modo apresentarem as diversas visões e conceitos destes pensadores, ao expor o funcionamento de redes sociais. Acredito que o material escolhido irá permitir melhor entender e reforçar o “pretendido” perfil do profissional, a quem me refiro neste meu estudo, que utiliza o conhecimento como ferramenta e matéria corrente de trabalho, bem como os correspondentes contextos ambientais de existência e vida nos quais estão imersos.

- (LÉVY, 2001).

Neste livro LÉVY (2001) realiza um passeio ao longo do processo de desenvolvimento da humanidade. Postula que o homem estaria ingressando em uma nova era de expansão da consciência, pautado no progresso tecnológico e no desenvolvimento de redes de inteligência coletiva, possibilitando integrar os diversos povos e onde se estaria criando uma harmonia global.

LÉVY (2001) visualiza o contexto evolutivo do mundo de um modo bastante otimista. Fala da importância em desenvolver com amor tudo o que se realiza.

Uma possível conclusão do trabalho de LÉVY (2001) seria que, à medida que o ser humano obtém mais conhecimento e atua, cada vez mais, com a ajuda de sua parte sensível – isto é, busca o equilíbrio entre o pensar e sentir –, ele caminha em direção ao espiritual, transportando-se para a dimensão do amor...

Seguem alguns trechos visando melhor caracterizar este livro:

- Alguns conceitos e interpretações, por LÉVY (2001), ao abordar o assunto:

“O trabalho humano tende a se deslocar cada vez mais em direção ao inautomatizável, a saber, a criatividade, a iniciativa, a coordenação e a relação. A consciência universal, feita de campos de consciência pessoais entrelaçados, é atravessada por sensações, percepções, emoções e pensamentos impessoais que vagam sobre o grande rio que carrega todos nós. A inteligência coletiva emerge de processos de cooperação competitiva, a competição que se baseia essencialmente nas capacidades cooperativas dos agentes concorrentes.

Uma pessoa condicionada passa de um pensamento para outro porque suas representações, suas emoções e suas ações foram associadas de maneira rígida no decorrer de uma aprendizagem precoce. Uma pessoa em via de descondicionamento torna-se consciente da maneira como se encadeiam suas ideias, suas percepções, seus atos e seus sentimentos.”.

- Falando de redes e do social:

“Nossos pais eram camponeses, nossos filhos trabalharão em nebulosas formadas por empresas conectadas em rede... ou pertencerão ao terceiro mundo planetário dos pobres das grandes metrópoles.

O mundo será como uma confederação planetária centrada em uma rede de grandes metrópoles.

A extensão e o adensamento das redes de transporte e de comunicação se manifestam por um processo de interconexão geral que implica um retraimento do espaço prático e, no mesmo movimento, uma aproximação dos humanos e

um alargamento de suas perspectivas: eis aí, em suma, a essência do processo de planetarização.

A melhor maneira de manter e desenvolver uma coletividade não é mais erguer, manter ou estender fronteiras, mas alimentar a quantidade e melhorar a qualidade das relações em seu próprio interior, assim como com as outras coletividades.

Aqui, as questões não mais se referem à posse da terra ou à ascensão ao poder político, mas à participação em uma inteligência coletiva que é indissolivelmente cognitiva, relacional, ética, simbólica e econômica.

O que me parece que deve crescer sempre é a melhoria qualitativa da comunicação e da interconexão entre os seres humanos. Uma tecelagem cada vez mais fina da consciência coletiva.”.

- Falando de espaço virtual e economia:

“Nos primeiros decênios do século XXI, mais de 80% dos seres humanos terão acesso ao ciberespaço e se servirão dele cotidianamente. A maior parte da vida social tomará emprestado esse meio. Os processos de concepção, produção e comercialização serão integralmente condicionados por sua imersão no espaço virtual.

Os que não participarem dos programas de competição cooperativa, de troca e de inteligência coletiva distribuídos no ciberespaço serão os “camponeses” da nova era. Aqueles que habitarão o “campo” em vez de habitar a cidade planetária.

O ciberespaço é um meio de comunicação particularmente favorável ao desenvolvimento de uma inteligência coletiva global da humanidade.

Virtualmente, o ciberespaço é o imenso reservatório dinâmico de todas as formas em interação, a forma das formas, a ideia das ideias.

Interconectando-se, aperfeiçoando sua inteligência coletiva e a sensibilidade pessoal de seus membros, a humanidade se constitui pouco a pouco numa noosfera, num mundo de ideias, num receptáculo ativo de formas. Fazendo

isso, ela descobre que o mundo real é um mundo de ideias, um universo de formas.

Em uma economia global em que o conhecimento se tornou o principal fator de concepção, de produção, de venda e, finalmente, o principal produto, qualquer comércio é um comércio de ideias mais ou menos objetivadas.”.

- (CASTELLS, 2003).

Neste livro CASTELLS (2003) considera o efeito das redes na dinâmica da economia global e nos povos. Aborda os efeitos das inovações e analisa a inclusão e exclusão dos indivíduos, populações/regiões e países no contexto desta nova economia. Desenvolve tese onde discorre sobre este processo que acontece por meio dos fluxos e trocas de capital, informação e comunicação entre as pessoas e comunidades, quando gera e produz grandes mudanças na sociedade. Analisa a dinâmica econômica e social, observando as transformações, da era da informação e comunicação. Visualiza a sociedade caminhando para uma separação entre os que “estão conectados” e os que “estão desconectados”. Diz que esta “nova ordem social” irá levar aos “conectados” uma arquitetura, em termos espaciais, representada por “formas neutras, puras, diáfanas que não pretende dizer nada, onde a sua mensagem é o silêncio”.

Visando apresentar alguns destes pontos de vista de CASTELLS (2003), eu trouxe pequenos trechos onde são expostas conceituações e tratam do que ele denomina de “O espaço de fluxos”.

- Alguns conceitos e interpretações, por CASTELLS (2003), ao abordar o assunto:

“O espaço e o tempo são as principais dimensões materiais da vida humana... O que é espaço? Em física, espaço não pode ser definido fora da dinâmica da matéria. Em teoria social, espaço não pode ser definido sem referência às práticas sociais – espaço é um produto material em relação a outros produtos materiais, inclusive pessoas, as quais se envolvem em relações sociais (historicamente) determinadas que dão ao espaço uma forma, uma função e um sentido social.... Axioma: o tempo e o espaço não podem ser entendidos independentemente da ação social... Do ponto de vista da teoria social, espaço é o suporte material de práticas sociais de tempo compartilhado.

O espaço de fluxos é a organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos. Por fluxos, entendo as seqüências intencionais, repetitivas e programáveis de intercâmbio e interação entre posições fisicamente desarticuladas, mantidas por atores nas estruturas econômicas, política e simbólica da sociedade.

Pelo que entendo, meio de inovação é um conjunto específico de relações de produção e gerenciamento com base em uma organização social que, de modo geral, compartilha uma cultura de trabalho e metas instrumentais, visando gerar novos conhecimentos, novos processos e novos produtos... O que define as especificidades de um meio de inovação é a sua capacidade de gerar sinergia, isto é, o valor agregado resultante não do efeito cumulativo dos elementos presentes no meio, mas de sua interação. Os meios de inovação são as fontes fundamentais de inovação e de geração de valor agregado no processo de produção industrial da era da informação.”.

- Falando de redes e espaço de fluxos:

“A economia global/informacional é organizada em torno de centros de controle e comando capazes de coordenar, inovar e gerenciar as atividades interligadas das redes de empresas... Assim, as regiões, sob o impulso dos governos e elites empresariais, estruturam-se para competir na economia global e estabelecem redes de cooperação entre as instituições regionais e entre empresas localizadas na área.

Defenderei que, por causa da natureza da nova sociedade baseada em conhecimento, organizada em torno de redes e parcialmente formada de fluxos, a cidade informacional não é uma forma, mas um processo, um processo caracterizado pelo predomínio estrutural do espaço de fluxos...

Cada rede define seus locais de acordo com suas funções e hierarquia de cada local e segundo as características do produto ou serviço a ser processado na rede.

Se o espaço de fluxos realmente for a forma espacial predominante da sociedade em rede, nos próximos anos a arquitetura e o design provavelmente serão redefinidos em sua forma, função, processo e valor.

A tendência predominante é para um horizonte de espaço de fluxos aistórico em rede, visando impor sua lógica nos lugares segmentados e espalhados, cada vez menos relacionados uns com os outros, cada vez menos capazes de compartilhar códigos culturais. A menos que, deliberadamente, se construam pontes culturais, políticas e físicas entre essas duas formas de espaço, poderemos estar rumando para a vida em universos paralelos, cujos tempos não conseguem encontrar-se porque são trabalhados em diferentes dimensões de um hiperespaço social.”.

- (CAPRA, 2005).

CAPRA (2005), neste livro, começa estudando o processo de criação da vida na Terra, apresenta como ela se formou por meio do desenvolvimento celular, se organizando segundo o padrão em rede. Segue fazendo analogias e ampliando conceitos onde integra as dimensões biológica, cognitiva e social da vida. Segundo sua visão, apresenta dois movimentos sociais que se encontram em expansão em nosso século; o primeiro é a ascensão do capitalismo global e o outro é a criação de comunidades sustentáveis baseadas em projeto ecológico, mostrando os inconvenientes e benefícios destes movimentos para as comunidades e o que podem representar para o futuro da humanidade.

- Alguns conceitos e interpretações, segundo CAPRA (2005), ao abordar vida e redes biológicas:

“A definição do sistema vivo como uma rede autopoietica significa que o fenômeno da vida tem de ser compreendido como uma propriedade do sistema como um todo. Nas palavras de Píer Luigi Luisi, “A vida não pode ser atribuída a nenhum componente molecular isolado (nem mesmo ao DNA ou ao RNA!), mas somente a toda rede metabólica delimitada.”

Assim, há 245 milhões de anos, aos mais devastadores processos de extinção em massa já ocorridos neste planeta seguiu-se rapidamente a evolução dos mamíferos; e, há 66 milhões de anos, a catástrofe que eliminou os dinossauros da face da Terra abriu caminho para a evolução dos primeiros primatas e, ao fim e ao cabo, da espécie humana.

Para aplicar essa compreensão da natureza da vida à dimensão social do ser humano – que é a proposta central deste livro –, precisamos tratar do

pensamento conceitual, dos valores, do sentido e da finalidade – fenômenos que pertencem ao domínio da consciência e da cultura humanas.”.

- Alguns conceitos e interpretações, segundo CAPRA (2005), ao abordar mente, consciência e conhecimento:

“A mente não é uma coisa, mas um processo – o processo de cognição, identificado com o processo do viver. O cérebro é uma estrutura específica através da qual se dá esse processo...”

A mente e a matéria já não parecem pertencer a duas categorias diferentes, mas podem ser concebidas como dois aspectos complementares do fenômeno da vida – processo e estrutura. Em todos os níveis, a começar com o da célula mais simples, a mente e a matéria, o processo e a estrutura, acham-se inseparavelmente unidos.

A consciência – ou seja, a experiência vivida e consciente – se manifesta em certos graus de complexidade cognitiva que exigem a existência de um cérebro e de um sistema nervoso superior. Em outras palavras, a consciência é um tipo especial de processo cognitivo que surge quando a cognição alcança um certo nível de complexidade.

Os novos conhecimentos nascem de processos caóticos de surgimento espontâneo, que levam tempo. Ser criativo é ser capaz de permanecer tranquilo, em meio à incerteza e a confusão...”.

- Alguns conceitos e interpretações, segundo CAPRA (2005), ao abordar redes e sistemas:

“Cada comunicação cria pensamentos e um significado que dão origem a outras comunicações, e assim a rede inteira se regenera – é autopoietica.

Através deste contexto comum de significado, cada indivíduo adquire a sua identidade como membro da rede social, e assim a rede gera o seu próprio limite externo. Não se trata de um limite físico, mas de um limite feito de pressupostos, de intimidade e de lealdade – um limite continuamente conservado e renegociado pela rede de comunicações. ...podemos supor que as redes de comunicações tenham um duplo efeito: vão gerar, por um lado, ideias e contextos de significado e, por outro, regras de comportamento ou, no jargão dos teóricos da sociedade, estruturas sociais.

Os processos que sustentam a rede social são processos de comunicação, que geram um corpo comum de significados e regras de comportamento (a cultura da rede) e um corpo comum de conhecimentos.

As trocas de energia e de recursos materiais num ecossistema são sustentadas por uma cooperação generalizada. A vida não tomou conta do planeta pela violência, mas pela cooperação, pela formação de parcerias e pela organização em redes.

Um ecossistema é uma rede flexível, em permanente flutuação. Sua flexibilidade é uma consequência dos múltiplos elos e anéis de realimentação que mantêm o sistema num estado de equilíbrio dinâmico. Nenhuma variável chega sozinha a um valor máximo; todas as variáveis flutuam em torno de seu valor ótimo.”

- Alguns conceitos e interpretações, segundo CAPRA (2005), ao abordar administração e trabalho:

“Para funcionar como deve, a máquina tem de ser controlada por seus operadores e obedecer aos comandos deles. Por isso, a finalidade suprema da teoria clássica da administração é a de provocar operações eficientes por meio de um controle que se exerce de cima para baixo. Os seres vivos, por outro lado, agem com autonomia. Não podem ser controlados como máquinas. Tentar fazer isso é o mesmo que privá-los da sua vitalidade.

Como já vimos, os sistemas sociais vivos são redes autogeradoras de comunicações. Isso significa que uma organização humana só será um sistema vivo se for organizada em rede ou contiver redes menores dentro dos seus limites.”

2. O homem e o seu contexto de trabalho e vida

“Inove ou fique para trás.... as inovações ocorrem com o entrelaço de diferentes ideias, percepções e formas de processamento e avaliação de informações. E, geralmente, ainda exige a colaboração entre participantes que vêem o mundo sob diferentes ângulos. Assim, o conflito que deveria desenvolver-se no plano das ideias, de maneira construtiva, muitas vezes

eclode entre pessoas, com resultados destrutivos. As disputas se tornam pessoais, provocando a ruptura do processo criativo. ... O gerente bem-sucedido no fomento da inovação descobre maneiras de promover o atrito produtivo entre diferentes abordagens.... pessoas diferentes desenvolvem estilos de pensamentos diversos: analítico ou intuitivo, conceitual ou experimental, social ou independente, lógico ou induzido por valores ...” (DRUCKER et al.,1998).

Escolhi esta citação DRUCKER et al. (1998) de Dorothy Leonard e Susaan Straus (ao tratar o tema “Aproveitando Todo o Cérebro da Empresa”) como abertura deste tópico, para chamar mais uma vez a atenção sobre a necessidade de se atentar para o perfil dos componentes de uma equipe, observar como se relacionam, pois a obtenção do êxito no trabalho em grupo é dependente deste entrosamento e cooperação. Não só esta razão me levou à citada referência, mas também a importância, ao se preparar uma equipe, da formação de “times mistos” onde a diversidade de pensamentos se apresente, pois pessoas diferentes possuem valores, ideias e perspectivas diferentes e, conseqüentemente, visões distintas para soluções de um problema, vislumbrando possibilidades diferentes de resolução do mesmo.

CHIAVENATO (2005) ao abordar o assunto “criatividade e inovação no ambiente empresarial”, faz o seguinte relato: *“Há algumas décadas, as organizações mecânicas exigiam um comportamento burocrático, repetitivo e reprodutivo das pessoas. O foco se concentrava na eficiência: fazer as coisas exatamente de acordo com as regras, métodos e procedimentos da organização. As pessoas não podiam pensar, mas apenas executar e seguir as ordens dadas. Agora, as organizações orgânicas estão impondo um novo e diferente padrão de comportamento das pessoas: um comportamento criativo e inovador. Já não basta a eficiência. Nem a repetição continuada na execução das tarefas. Se o mundo mudou, as empresas também estão mudando na mesma direção e cada vez mais rapidamente. Isso requer mudanças em produtos e serviços, métodos e processos, equipamentos e tecnologia, estrutura organizacional e cargos e, sobretudo, comportamento das pessoas. A criatividade está na base disso tudo.”*

Foi minha intenção, ao apresentar as transformações ocorridas ao longo da evolução de nossa sociedade e caracterizar a dinâmica do funcionamento da rede de relacionamentos nela existente - possibilitada pelos desenvolvimentos tecnológicos -, mostrar que não basta o uso de toda esta “complexa máquina”, onde metodologias de

trabalho com ótimas ferramentas estão presentes, para que haja o processo de gestão de inovações, se o homem não souber trabalhar, se relacionar e viver neste contexto.

É por isto que, dando continuidade a esta ideia, desenvolvo mais à frente (em outra publicação), um modelo onde represento a parte comportamental do ser humano, com o objetivo de entender o seu complexo funcionamento de relacionamentos. Complementando o estudo, em outro trabalho apresento e organizo alguns conceitos acompanhados de uma metodologia visando à aplicação do modelo concebido.

A proposta é que o modelo arquitetado, abrangendo a representação do comportamento humano, seja uma ferramenta de uso para o próprio indivíduo. Isto pois, ao melhor entender como atua e manifesta o seu comportamento e, também, ao compreender melhor a dinâmica dos seus relacionamentos, evidentemente poderá ter um maior controle sobre a evolução do seu processo de vida e trabalho e, bem como, êxito em seus empreendimentos, devido a possibilidade de melhor entender o seu comportamento e a dos aqueles com quem se relaciona.

É válido registrar que não é intenção do modelo nem da metodologia, concebidos como fruto deste estudo, indicar nenhuma linha de ação comportamental a ser seguida pelo indivíduo, pois estou partindo do princípio que a decisão de agir deverá ser pessoal e baseada em valores desenvolvidos de modo consciente por ele (o ambiente de atuação com inovações é para onde esta pesquisa se dirige e, assim, não tem sentido a definição de princípios rígidos a serem criados externamente a este meio).

O objetivo deste registro é no sentido de esclarecer o tipo de abordagem e direcionamento que foi adotado ao longo do desenvolvimento deste trabalho, que é bem diferente, porém complementar, daquele seguido por alguns autores, como COVEY (2004), que buscam em sua pesquisa apresentar e nomear alguns princípios (leis naturais, segundo Covey) a serem utilizados como, por exemplo, assim ele o faz em seu livro "Os 7 Hábitos das Pessoas Altamente Eficazes". Quando me referi que a abordagem adotada é "bem diferente, porém complementar" se deve a que o tema "leis naturais" é tratado na Etapa 5 da Metodologia concebida nesta pesquisa (ao todo são 5 Etapas - ver trabalho específico).

A abordagem utilizada nesta pesquisa foi direcionada para primeiramente procurar entender algumas razões (por meio da análise do histórico da evolução da sociedade ocidental) que levaram a chegar ao atual ambiente – em relação ao contexto gerador

das inovações – com as suas características de trabalho e vida e, depois, desenvolver um ferramental para auxiliar as pessoas, que atuam neste meio, a melhorar o seu mundo de relacionamento e existência.

A ferramenta disponibilizada em outra publicação (Metodologia-Modelo) visa ajudar o indivíduo a compreender os motivos de determinadas atitudes – via o Modelo de representação do Sistema Comportamental –, sejam suas estas atitudes ou daquelas pessoas com quem ele se relaciona, e, depois, possibilitar desenvolver comportamento específico objetivando alcançar os resultados almejados (seja como indivíduo ou como gestor e/ou participante de equipe) – utilizando a Metodologia concebida –, por meio da adoção de posturas a serem assumidas, por vontade própria, como as mais indicadas para si.

- Referências Bibliográficas

CAPRA, F., 2005, *As Conexões Ocultas*. 4 ed. São Paulo, Editora Cultrix.

CASTELLS, M., 2003, *A Sociedade em Rede*. 7 ed. São Paulo, Editora Paz e Terra S/A.

CHAVES, C. A. R., 2009, *Trabalhando e Inovando em Ambientes Complexos*, Tese de D.Sc., COPPE/UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

CHIAVENATO, I., 2005, *Gestão de Pessoas*. 2 ed. Rio de Janeiro, Elsevier Editora Ltda.

COVEY, S. R., 2004, *Os 7 Hábitos das Pessoas Altamente Eficazes*. 35 ed. Rio de Janeiro, Editora Best Seller Ltda.

DRUCKER, P.F., NONAKA, I., GARVIN, D.A. *et al.*, 1998, *Gestão do Conhecimento - Harvard Business Review*. 6 ed. Rio de Janeiro, Editora Campus.

EDVINSSON, L., MALONE, M., 1998, *Capital Intelectual*. 1 ed. São Paulo, Makron Books.

JOHNSON, S., 2003, *Emergência – a dinâmica de rede em formigas, cérebros, cidades e softwares*. 1 ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda.

LÉVY, P., 2001, *A conexão planetária*. 1 ed. São Paulo, Editora 34.

SVEIBY, K. E., 1998, *A Nova Riqueza das Organizações*. 7 ed. Rio de Janeiro, Editora Campus.